
ARQUITETURA E ETNICIDADE: PATRIMÔNIOS MATERIAIS E IMATERIAIS NA ROTA TURÍSTICA CAMINHOS DE PEDRA

ARCHITECTURE AND ETHNICITY: MATERIALS AND INTANGIBLE HERITAGE IN TOURIST ROUTE CAMINHOS DE PEDRA

Claudine Machado Badalotti

Arquiteta e Urbanista, especialista em Arquitetura Hospitalar e mestranda em História
arquiteta.claudine@gmail.com

RESUMO: A preservação da memória construída de um povo, enquanto patrimônio histórico constitui uma das premissas básicas para o desenvolvimento sustentável, pois além de representar a própria síntese da cidade, potencializa a identidade coletiva dos povos, nesse caso dos ítalo-gaúchos, promove a preservação dos bens materiais e imateriais, da identidade étnica de um grupo social e, somado a isso, pode contribuir para o incremento do desenvolvimento econômico e social, através do turismo étnico, gastronômico e arquitetônico, incentivando financeiramente aqueles que se comprometem com a preservação. O trabalho objetiva analisar experiências de preservação arquitetônica na Serra Gaúcha, em particular no município de Bento Gonçalves, em suas rotas turísticas, com a intenção de perceber processos tradicionais de ambientes construídos em correlação com dinâmicas modernas de vida social e econômica, pois somente com a compreensão de experiências construtivas antigas podemos fazer o novo, bem como representação e reconstituição de etnicidades, que num primeiro momento, aparentemente são contraditórias numa sociedade que se mostra globalizada. É recuperar a memória construída do lugar e estabelecer uma relação com a história de um grupo étnico, o que, através dos processos de globalização, remete a uma fragmentação identitária a partir do momento em que traços culturais da modernidade passam a ser comuns a diferentes culturas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Patrimônio. Arquitetônico.

ABSTRACT: The preservation of the built memory of people, while historical patrimony constitutes one of the basic assumptions to the sustainable development, because besides representing the own synthesis of the city, potentiates the collective identity of people, in this case of ítalo-gaúchos, promotes the preservation of material and immaterial goods, of the ethical identity of a social group and, in addition to this, it may contribute to the increment of the economical and social development, through ethical, gastronomic and architectural tourism, encouraging financially those who compromise with the preservation. The paper aims to analyze experiences of architectural preservation in Serra Gaúcha, in particular in the city of Bento Gonçalves, in its tourist routes, with the intention of realizing traditional processes of environments built in correlation with modern dynamics of social and economical life, because only with the comprehension of the constructive antique experiences we may do the new, as well as representation and reconstitution of ethnicities, that at a first moment, are apparently contradictories in a society that shows itself globalized. It is recover the built memory of the place and establish a relation with the history of an ethical group, what, through the globalization processes, refers to an identity fragmentation since the moment in which the cultural traits of modernity become common to different cultures.

KEYWORDS: Memory. Patrimony. Architectural.

Introdução

O presente artigo pretende analisar as construções dos imigrantes italianos na rota turística Caminhos de Pedra para entender a memória étnica desse povo, invocando seu patrimônio construído e seu uso para o fomento mercantil, reforçando assim sua italianidade.

A importância de se preservar essas construções rurais provenientes de uma arquitetura de linguagem própria, vernacular¹, de base essencialmente artesanal e de simplicidade notável, advém da recuperação da memória construída de um povo, pois somente com a compreensão de experiências construtivas antigas podemos fazer o novo. Sabe-se que uma sociedade que despreza sua herança cultural não evolui. Não basta preservar apenas os casarões, os imóveis que pertenceram a pessoas ilustres, pois a história é mais que isso, ela precisa dos casarões, mas também das casas de “porta e janela” do cidadão comum. Ambos fazem parte das práticas sociais vividas por seus moradores, de sua identidade. Michelin (2008, p. 27) citando Barreto (2000), retrata que quando se fala em patrimônio, busca-se enfatizar que esse

[...] deixou de ser definido pelos prédios que abrigam reis, condes e marqueses e pelos utensílios a eles pertencentes, passando a ser definido como o conjunto de todos os utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e forma de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõem a sociedade (BARRETO apud MICHELIN, 2008, p. 88).

Portanto, é a partir da valorização da própria história que o passado adquire importância e pode ser utilizado como mercadoria de alto valor agregado para a indústria turística, criando assim lugares dotados de memórias a eles associados. Esses lugares passam a compor o imaginário dos moradores locais e dos turistas que visitam o roteiro. Criam-se assim lugares providos de urbanidade.

¹ A arquitetura vernacular refere-se a todo o tipo de arquitetura em que se empregam materiais e recursos do próprio ambiente em que a edificação é construída, apresentando assim caráter local ou regional.

1. A origem da rota turística Caminhos de Pedra

O projeto Caminhos de Pedra foi idealizado pelo engenheiro Tarcísio Vasco Michelin, que em um primeiro momento também financiou o roteiro e pelo arquiteto Júlio Posenato², com o objetivo de preservar e dinamizar a cultura que os imigrantes italianos trouxeram para esse pedaço do Rio Grande do Sul a partir de 1875. O projeto buscava a recuperação do patrimônio cultural local, não só de sua arquitetura, mas também de sua língua, folclore, arte e as habilidades manuais dessa comunidade.

Ele surgiu do levantamento do acervo arquitetônico de toda a zona rural do município de Bento Gonçalves, realizado no ano de 1987. A partir desse levantamento, percebeu-se que o Distrito de São Pedro, composto por sete comunidades (São Pedro, São Miguel, Barracão, São José da Busa, Cruzeiro, Santo Antônio e Santo Antoninho), possuía o maior número de exemplares de casas rurais mais antigas e em bom estado de conservação, sendo o conjunto um testemunho considerável da história e da cultura do Município.

A partir dessa iniciativa, algumas casas foram restauradas, outras relocadas de sua origem e colocadas na rota, passando a receber visitação. Foi realizada uma adaptação de seus móveis e substituição dos usos dessas casas, voltadas agora para a indústria turística, a maioria tornou-se centros de degustação de produtos coloniais certificados, outras um memorial da história coletiva dessa população. A implantação da maioria dos estabelecimentos ocorreu de forma linear, ao longo da estrada Júlio de Castilhos, como pode ser observado na imagem 01.

² Arquiteto nascido em Veranópolis, RS em 1947, formado pela UFRGS em 1972, com especializações em arquitetura habitacional e o pensamento arquitetônico moderno e contemporâneo (UFRGS 1983 e 1986), bacharel em música, pesquisador e escritor de várias obras sobre a arquitetura italiana, com prêmio Fundação Ilha de Laytano 1984, “melhor obra sobre o Rio Grande do Sul” com o livro *Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul* e um dos idealizadores da Rota Turística Caminhos de Pedra, no Distrito São Pedro, em Bento Gonçalves.

Imagem 01. Mapa Caminhos de Pedra



Fonte: <http://www.caminhosdepetra.org.br>

Em 10 de agosto de 1998, o Projeto Cultural Caminhos de Pedra passou a captar recursos de empresas locais, através da LIC, Lei de Incentivo a Cultura do estado do Rio Grande do Sul.

Esse roteiro recebe em média, uma visitação de 60.000 turistas³, contando com 19 pontos de visitação e mais de 50 pontos de observação externa do patrimônio arquitetônico e da paisagem.

Michelin (2008, p. 47) citando Posenato (1998), evidencia que a atividade turística incentiva a valorização da cultura e da etnicidade, questão também trabalhada no projeto, onde

³ Dados fornecidos pelo site www.caminhosdepetra.gov.br

Não existindo ainda no povo a consciência da preservação pelo valor cultural, será necessário recorrer a uma forma que, através da receita que gera, num primeiro momento estimule a conservação do acervo por interesses financeiros, e num trabalho sustentado ao longo do tempo através da formação da juventude, desenvolva nas pessoas a convicção do valor da herança cultural, como documento e testemunha da própria caminhada histórica, base da segurança no presente e na evolução rumo ao futuro (POSENATO, 1998 apud MICHELIN, 2004)

Assim, o turismo seria a forma de viabilizar financeiramente que esse projeto fosse realizado, considerando também que um dos objetivos do turismo rural é de criar alternativas de renda complementar e evitar o êxodo rural.

2. A reinvenção da italianidade na criação do lugar.

Sabe-se que a identidade é um processo de construção e no caso da recuperação da questão étnica é também uma forma de resistência ao mundo globalizado, onde traços culturais da modernidade passam a ser comuns a diferentes culturas. Segundo Colognese (2004, p.37), a italianidade é uma identidade em constante construção e reconstrução. É a crença numa origem comum, gerando no descendente do imigrante italiano vínculos de pertencimento.

A imigração italiana nessa região do Rio Grande do Sul ocorreu por volta do ano de 1875. A Itália nesse período era um país pobre e com mão-de-obra excedente, com constantes guerras de unificação e com um serviço militar muito longo. Também o processo de industrialização da Itália não absorvia toda a mão-de-obra disponível, explicando assim a escolha pela imigração. Já para o governo imperial do Brasil, que dentre outras coisas buscava a substituição da mão-de-obra escrava e o “branqueamento” da sociedade, a imigração europeia era muito bem vista.

Chegando em terras brasileiras, o imigrante italiano torna-se proprietário de uma fração de terra, denominada colônia, o que deu origem a palavra colono, designação muitas vezes utilizada de forma pejorativa para definir o imigrante italiano ou alemão, um símbolo de diferenciação étnica, rudeza e ignorância.

A italianidade que muitos quiseram preservar como sinal de cultura superior foi perdendo um pouco de sua importância, passando a ser motivo de vergonha para alguns, agravada no período da II Guerra Mundial, onde os descendentes de italiano se tornaram mais cuidadosos em suas vivências culturais, não usavam o dialeto italiano em público e tentavam cada vez mais se tornar como os brasileiros.

Imagem 02. Restaurante Nona Ludia – Casa Bertarello



Fonte: <http://www.caminhosdepedra.org.br>

Imagem 03. Restaurante Nona Ludia – Casa Bertarello após intervenção do projeto Caminhos de Pedra.



Fonte: autor, 2014.

Michelin (2008, p. 47) citando Posenato (1998), destaca que a população local tinha vergonha de sua herança cultural, de seu sotaque, além da vergonha de suas “casas de colono”, características de sua italianidade. Para esses moradores, ter uma casa antiga era sinônimo de pobreza e de não ter acompanhado o progresso, como fizeram os vizinhos mais ricos. Na medida do possível, derrubavam ou reformavam suas casas antigas buscando características mais modernas, como algumas casas de pedra que foram rebocadas para ficarem mais parecidas com as casas de alvenaria (imagem 02 e 03).

Hoje a realidade é outra, os descendentes de italianos sentem orgulho de suas casas e reconhecem seu valor, inclusive por ser uma forma de diversificar sua renda, incentivando assim o processo de reconstrução da identidade e etnicidade, ambas valorizadas através do turismo.

Para Colognese (2004), na realidade não existe uma cultura italiana no Brasil, como ela é realmente compreendida pela maioria das pessoas, o que existe é uma cultura de raízes

italianas, ou seja, uma cultura brasileira diferente sob diversos aspectos da oriunda de outras etnias. A cultura italiana não é simplesmente repetida, mas reconstruída.

Portanto, a maneira mais adequada de chamar esses descendentes de italianos seria “italo-gaúchos”, uma cultura característica apenas desse estado brasileiro, resultado da relação de duas culturas diferenciadas, que acaba resultando em uma terceira cultura, processo conhecido por hibridismo cultural.

O acesso a memória coletiva, base formadora da identidade de uma determinada comunidade é permitido principalmente pelas ações de preservação, possibilitando a população conhecer e interpretar seu passado para no presente constituir sua identidade, compreendendo o espaço urbano, reforçando sua relação como cidadão e cidade e lhe atribuindo o devido valor, muitas vezes perdido ou profanado. O sentimento de pertencimento a uma determinada comunidade faz parte do exercício de cidadania.

Uma cidade sem sua história, sem as memórias dos pioneiros na sua formação, sem lendas ou mitos não é de fato uma cidade, falta uma identidade, um elo de ligação. A evolução histórica de uma cidade se reflete principalmente em suas construções antigas, que permeiam o tecido urbano ao longo do tempo, guardam recordações e encantam por suas formas monumentais ou pela beleza de suas linhas simples, mas plenas de significados. A edificação está diretamente ligada a herança de um passado onde o espaço urbano constitui testemunho material, dentro de um valor simbólico capaz de despertar sentimentos de afetividade em seus habitantes e na comunidade, somando-se ao imaginário popular, presente na história oficial, comprovada através de fontes documentais, mas também na história não oficial, aquela referente a memória coletiva de um povo, passada de geração a geração, nas rodas de conversa, nos encontros entre amigos, na igreja e dentro do convívio familiar.

3. Arquitetura rural italiana: materiais e tipologia da construção

As primeiras construções dos imigrantes italianos podem ser classificadas como uma era mais primitiva, considerando a precariedade das condições e a rapidez com que deveriam erigir essas habitações provisórias para abrir a família até a construção do abrigo definitivo.

Essas construções definitivas das famílias, não possuíam projeto, eles riscavam a casa como imaginavam diretamente no chão, baseados no conceito de morar e construir que traziam em sua bagagem cultural e em sua experiência de vivido, as plantas eram determinadas pela necessidade das famílias e o que definia as dimensões do paiol e o número de ambientes das habitações era o tamanho dessas famílias. De acordo com Gutierrez (2000, p.45), algumas adaptações foram realizadas na arquitetura ítalo-gaúcha, diferente do que acontecia nas casas rurais na Itália, onde geralmente todas as funções estavam reunidas em uma única construção, no Rio Grande do Sul, cada atividade correspondia a sua própria edificação, já que as dimensões dos lotes destinados aos imigrantes, se comparados ao tamanho dos lotes italianos, correspondiam a um pequeno latifúndio.

Os materiais que compõem a casa dos imigrantes italianos na rota turística como a pedra e a madeira eram obtidos no próprio local. A madeira era recolhida na mata, na abertura dos clarões durante o processo de ocupação da colônia, seu uso foi a contribuição mais significativa para a arquitetura, era pouco conhecida pelos imigrantes, mas graças a sua abundância foi largamente utilizada nas construções de suas moradias e para fins estruturais.

Gutierrez (2000, p.60) afirma que o trabalho em pedra fazia parte da tradição do imigrante italiano, devido a abundância do basalto no norte da Itália Aqui retirar as pedras do terreno com o objetivo de utilizá-la na construção teve também a função de desobstruir os campos que serviriam ao plantio.

As casas de uma forma geral tinham a fachada principal voltada para a estrada e normalmente tinham uma composição com uma porta central e de cada lado duas janelas, quando possuíam um segundo pavimento essas aberturas repetiam esses mesmo ritmo e simetria no segundo pavimento, formando um conjunto simples, porém harmonioso.

Geralmente construía três edificações, uma correspondia a residência, outra a cozinha e a terceira era o galpão. O galpão geralmente era mais afastado da casa, servia como depósito de implementos agrícolas, pequena oficina e abrigo de animais (GUTIERREZ, 2000, p.46).

Uma das primeiras casas da geração de imigrantes chegados nessa região é a Cantina e Casa Strapazon (imagens 04 e 05), construída totalmente em pedra irregular, por volta de 1878, pelo imigrante Giovanni Strapazon. Foi posteriormente adaptada para a função de

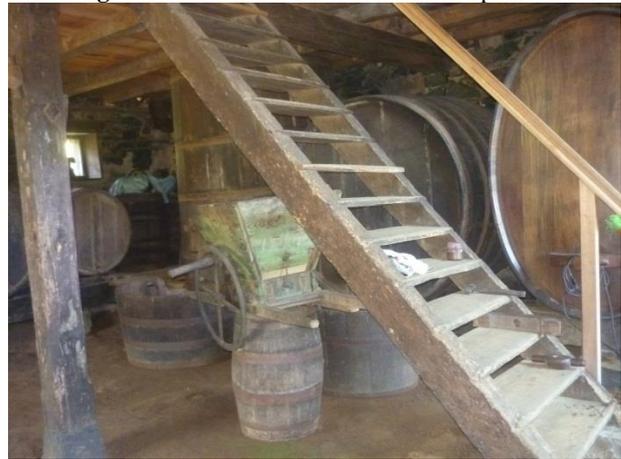
cantina pelo Projeto Caminhos de Pedra, essa foi a primeira casa do roteiro a receber um grupo de turistas, provenientes de São Paulo e onde foram gravadas algumas cenas do filme o Quatrilho, uma adaptação do romance de José Clemente Posenato.

Imagem 04: Cantina e Casa Strapazzon.



Fonte: Autor, 2013.

Imagem 05: Interior da Cantina e Casa Strapazzon.



Fonte: Autor, 2013.

A edificação foi construída totalmente em pedra irregular, aparelhadas nas faces internas e externas da construção e assentadas com juntas secas (sem uso de argamassa), com as pedras encaixadas umas sobre as outras a maneira de enxilharia, técnica construtiva que além da economia de argamassa favorecia a estabilidade da construção.

O piso de chão batido encontra-se igual à época da construção. No inverno, mesmo com a família morando na casa, os animais dormiam na parte inferior, para não morrerem de frio e ajudarem no aquecimento interno do ambiente. A escada que dá acesso ao mezanino (imagem 05) é original, construída toda de madeira, inclusive os encaixes, sem uso de pregos ou qualquer outro utensílio.

As portas e janelas não possuem vidros e seus fechamentos são feitos por folhas de madeira, constituídas por tábuas sambladas⁴ umas as outras e unidas por travessas. Os marcos são grossos, de madeira. Outra característica da arquitetura ítalo-gaúcha eram as vergas e os

⁴ Peças de madeira unidas por meio de entalhes.

peitoris executados em madeira que ultrapassavam as ombreiras dos marcos, embutidos nas paredes de pedra, complementando a função estrutural.

Segundo Gutierrez (2000, p.47), a residência da família geralmente possuía três pavimentos, correspondendo respectivamente ao porão, a parte residencial e o sótão. Geralmente aproveitavam os desníveis naturais do terreno para implantar a construção, fazendo assim um porão semi-enterrado. O porão geralmente era de pedra, alguns possuíam janelas, condição essa que favorecia a armazenagem de vinhos, queijos e salames.

A imagem 05 representa a casa Vanni, construção em madeira, erguida em 1935 por Pietro Strapazon, possuindo um porão semi-enterrado de pedras de cantaria, perfeitamente cortadas e encaixadas. Hoje o subsolo foi transformado em restaurante pelo projeto Caminhos de Pedra. Uma das vantagens da sustentação da casa utilizando pedras é manter a madeira longe do contato com o solo, portanto livre de umidade.

Imagem 06: Casa Vanni – fachada principal.



Fonte: Autor, 2013.

Imagem 07: Casa Vanni – fachada dos fundos.



Fonte: Autor, 2013.

Os dormitórios das casas variavam em número, de acordo com a quantidade de filhos. Segundo Gutierrez (2000, p.49), um dos quartos, muitas vezes transformado em despensa, possuía uma escada que dava acesso ao sótão.

O sótão era normalmente dotado de pequenas aberturas, sempre simétricas as janelas dos pavimentos inferiores. De acordo com Gutierrez (2000, p.50) com essas condições

construtivas, o sótão conservava um ar quente e seco, ideal para a conservação de cereais que ficavam depositados nessa área. Algumas vezes o sótão podia abrigar mais um dormitório para os meninos ou para hóspedes.

A imagem 08 e 09 trata da Casa Righesso, moradia construída em 1889, em pedras de basalto irregular de cor preta, unidas entre si com uma mistura de feno, palha e estrume de vaca. Essa residência era originalmente coberta por tabuinhas, também conhecidas como scándole (peças de madeira que possuíam aproximadamente cinquenta centímetros de comprimento por vinte centímetros de largura), atualmente a cobertura foi substituída por telhas de barro, devido a pouca resistência desse material. Restaurada no ano de 2007, onde desde meados de 2012 funciona a salumeria, local em que o visitante pode conhecer a história e a tradição dos embutidos, degustar e adquirir o produto.

Imagem 08: Sótão da casa Righesso - salumeria



Fonte: Autor, 2013.

Imagem 09: Casa Righesso - salumeria



Fonte: Autor, 2013.

A cobertura dessa construção é típica da dos imigrantes italianos, em quatro águas e de beiral pequeno. A forma da planta baixa também é a usual adotada por eles, geralmente um retângulo, mas com um sábio equilíbrio nas fachadas, com esquadrias disposta de forma harmoniosa e cuidadosamente estudadas, mantendo sempre uma simetria.

A cozinha em algumas casas estava localizada próxima a residência, ligada por uma pequena cobertura. Servia também como estar e lugar de convívio antes e depois das

refeições. Geralmente usavam esse partido arquitetônico para separar a área da residência da cozinha, devido ao perigo de incêndio.

Percebe-se que apesar da simplicidade das construções, cada uma tem a sua história, fazem parte da memória coletiva da cidade a partir da qual evoluiu toda a aglomeração urbana, são a identidade dessa cultura, elementos que fazem parte do imaginário dos moradores.

Assim resume Costa (1976), em relação as construções dos imigrantes italianos: “preservar o que estes valentes imigrantes ergueram com seus braços rudes, será por si só a melhor maneira de prestarmos a eles nossa admiração e nosso reconhecimento.”

Conclusão

O presente artigo levantou a importância de se preservar o patrimônio material e imaterial, graças as memórias associadas ao lugar na construção da identidade e italianidade de uma comunidade e devido principalmente ao turismo cultural rural.

A preservação da arquitetura singela, porém dotada de memórias a ela associadas revela-se um importante papel na construção do imaginário dessa comunidade e dos turistas que visitam o local, em busca de um lazer educativo e informativo.

Na tentativa de esclarecer a importância de se preservar um bem, de outro ponto indaga-se da necessidade de se demolir o velho e substituir pelo moderno. Num mundo onde a especulação imobiliária apaga as marcas da história, a necessidade de se preservar o patrimônio construído deve ser tema de estudo, sem pretensão de esgotá-lo, inclusive nesse artigo. Por que preservar? Essa é a essência do problema, é o leme da pesquisa e o norte do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. **Raízes italianas do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Editora UPF, 2000.

COLOGNESE, Silvio Antonio. **Associações étnicas de italianos. Identidade e globalização.** São Paulo: Editora Itália Nova, 2004.

COSTA, Rovílio. **Antropologia visual da imigração italiana.** Caxias do Sul: Editora UCS, 1976.

GUTIERREZ, Ester; GUTIERREZ, Rogério. **Arquitetura e assentamento ítalo-gaúchos (1875-1914).** Passo Fundo: Editora UPF, 2000.

MAESTRI, Mário. **Os senhores da Serra.** A colonização italiana do Rio Grande do Sul (1875-1914). Passo Fundo: Editora UPF, 2000.

MICHELIN, Rita L. **A reconstrução da etnicidade na arena turística: o caso do roteiro de turismo rural cultural Caminhos de Pedra. Bento Gonçalves, RS.** Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Turismo)- Curso de pós-graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2008.

POSENATO, Júlio. **Antônio Prado, cidade histórica.** Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

TEDESCO, João Carlos e ZANINI, Maria Catarina C. **Migrantes ao sul do Brasil.** Santa Maria: Editora UFSM, 2010.

ASSOCIAÇÃO CAMINHOS DE PEDRA. Disponível em <http://www.caminhosdepedra.org.br>. Acesso em: 19 de abril. 2013.